

O HERALDO

Director, proprietário e editor

JOSE MARIA DOS SANTOS
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 8

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUCRÁTICA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

A escolha dos candidatos

No *Heraldo* n.º 1501, de 14 do corrente, veiu publicado um artigo meu, onde, com a maior liberdade e pureza de consciência, fiz *as minhas considerações*, a respeito da escolha dos deputados ás Constituintes. Ao reduzir a escripto essas considerações, julguei-as irrefutáveis, porque eram evidentemente a pura expressão da verdade. Mas, decorrida a semana, já depois de ter mandado para o numero seguinte do *Heraldo* um novo artigo, deparei na *Província do Algarve* com duas columnas que me tocavam de perto. Li-as com todo o cuidado e, francamente, quando cheguei ao fim, não pude conter um pequeno sorriso de desgosto e de satisfação ao mesmo tempo: desgosto, por ver que ainda houve quem procurasse defender o que não tinha de feia, e satisfação, por me convencer de que as razões do meu antagonista nada mais fizeram do que trair as suas sábendas e corroborar *as minhas considerações*.

Ao que vejo, a *Província do Algarve* constituiu-se na obrigação de combater as minhas palavras, que são indestrutíveis, e a mim, que não pensava na circunstância de poder occasionar um duello d'esta natureza, constituiu-me no dever de reduzir a ná os argumentos doentios que ella phantasiou. Mas este meu dever não é uma coisa que não tenha condições impostas em nome do respeito que devo aos leitores dos meus artigos e em obediencia ás leis da minha dignidade, portanto, é necessário que todos fiquem sabendo: em quanto a *Província do Algarve* se mantiver dignamente no seu posio, não serei eu quem fuja de discutir com ella. E' isto o que penso e o que desejoo, porque só n'estes termos e dentro d'estes limites é razoável a discussão.

A *Província do Algarve* transcreve dois trechos do meu artigo e em torno d'elles é que assenta os seus arraiaes e premedita e executa os seus assaltos. Transcrever excertos, para criticar todo um artigo, não é proceder com lealdade, porque, muitas vezes, taes excertos iraduzem pensamentos que se não podem isolar sem prejuizo d'outras afirmações que os seguem ou antecedem. Mas enfim...

Ou porque se não sentisse com forças para arrasar d'uma só vez toda a praça, ou porque pretendesse, com duas ligeiras investidas, experimentar as minhas forças, não foi mais longe. E o caso é que, levado por esta ou por aquella razão, quer o dominasse a fraqueza, quer o desejo da experiência, o meu adversário, no meio do desastre que cavou por suas mãos, teve sorte. Já deve estar convencido de que, se mais avançasse, maior seria a sua derrota e mais fundo cavaría o seu abysmo.

Depois de transcrever o primeiro excerto, diz a *Província do Algarve* que, em primeiro lugar, as coisas se não passaram como n'elle se descrevem. Não sei onde a *Província*, no tal excerto, ou mesmo n'outro, viu a menor descrição de qualquer facto. A não ser que a prosa descriptiva seja uma coisa bem diferente do que eu pensava. A *Província*, quando fiz esta afirmação — o directorio é que manda, as comissões políticas obedecem e o povo livre sujeita-se — imaginou que estas simples palavras eram uma descrição... talvez por se lhe figu-

rar deante dos olhos a cena phantastica, a representação burlesca das comissões que, a respeito d'este círculo, votaram, com *absoluta consciencia*, tres deputados que o povo não conhece e que *elas proprias* não conhecem! E mais: um dos candidatos votou-se, porque veiu de cima a indicação de que era preciso que os heroes da Rotunda fossem acantonados pelos diferentes círculos do paiz. Em obediencia a tal indicação, que por si basta para demonstrar a *absoluta consciencia* das comissões, tinha que ser eleito por este círculo o sr. João Fiel Stockler! E mais: um dos candidatos apenas obteve *dois* votos, n'esse pyramidal congresso das comissões, e entretanto ahi nos appareceu á ultima hora, cabido das nuvens, *trocado por outro!* Ao menos o círculo de Faro tem o prazer de mandar ás Constituintes um deputado que foi objecto n'um contracto de troca!

Foi tudo isto, foram estas as lindas coisas que as insoffríveis comissões fizeram... com absoluta consciencia. Por aqui se vê que não é directorio que manda, — por aqui se vê que as taes comissões não obedecem, — por aqui se vê que, no meio de toda esta comedia, é o povo quem usa abertamente o seu direito de soberania. Taes são as conclusões da *Província do Algarve*.

Nas minhas considerações, escrevi que *hoje não existe o partido republicano e que não existe por uma razão muito simples: — porque ha uma coisa bem diferente e bem superior, — a nacionalidade republicana*. Acaso, ao escrever estas palavras, poderia imaginar que elles fossem contestadas? Não, porque não pode ser contestado aquillo que é absolutamente incontestável. Mas ahi veiu a *Província do Algarve*... Para ella, o partido republicano existe e, o que é mais, existe nas mesmas condições em que existia antes da proclamação da Republica, e os deputados que as comissões escolheram são deputados d'esse partido. E ha quem diga impunemente uma heresia d'estas! Sim, uma heresia, porque tal affirmation nega implicitamente a existencia da nacionalidade portugueza e declara que os deputados, na vigencia d'este regimen, que é, theoricamente, o regimen do povo, deixaram de ser representantes da nação, para serem exclusivamente do partido republicano, esse tal partido que a *Província do Algarve* teima em dizer que existe, fazendo me lembrar a anedota d'um certo defensor officioso que, n'uma audiencia de polícia correccional, insistiu *sabidamente* em não prescindir d'uma testemunha que, segundo constava dos autos e conforme lhe declaravam, entre sorrisos, o delegado e o juiz... tinha falecido. Mas a *Província do Algarve* diz mais: diz que o partido republicano é *hoje o único partido que existe em Portugal...* O único partido... até faz rir! Como se fosse possível. Pensava eu que uma coisa se não podia dividir, partir em menos de duas fracções e que, portanto, não podia haver um partido sem haver outro partido, mas veiu a *Província* varrer-me do espirito a má comprehensão que eu tinha d'estas coisas. E agora é que eu vejo que a polícia de Coimbra tinha razão, quando uma vez não queria consentir que os estudantes grevistas andassem pelas ruas, em grupos de mais d'um.

Por ultimo, a douta *Província*, fazendo reparo á circunstancia de me revolvar contra os poderes imperialistas do directorio e contra o caciquismo intolerante das comissões políticas, — emprega esta expressão: «...porém nós, — os republicanos... acatamos as suas resoluções...»

Nós, os republicanos... — diz a *Província* enfatadamente! Sim, vós os ambiciosos, vós os caciques, vós os senhores feudais, vós os oligarchas, pensais unicamente em obedecer ás ordens do directorio e dos seus delegados, para sacrificar o povo ao capricho das usurpações.

Dizeis-vos republicanos e apesar de tudo, sois um instrumento da vontade dos Cesares!

Pois eu comprehendo a Republica n'uma acção mais nobre: não a quero envolvida de servilismos, nem de tyrannias, conveniencias ou vaidades. Sou republicano de principios, democrata e livre pensador. E quer a *Província do Algarve* saber no que consistem os meus ideias? Em que tudo, n'este paiz, se faça com intelligencia e honestidade.

Faro, 1911.

João Pedro de Sousa.
advogado

ECHOS

BOATOS — A HYDRA

Na sexta feira, constou que rastejava pelas proximidades: que tinha entrado por estas soegeadas paragens. Apanhados a ganchos dois inconfessáveis passeantes, apurou-se que nenhum d'elles era conspirador, nem tinha dois galões, nem era do n.º 11.

E quanto à prevenção de tropas, são mais as vãs que as nozes. Apesar um piquete de 16 praças é... já sobre.

ZIG-ZAGS

A *Nação* causa engulhos que nós andemos a *Gandaia*, isto é, rebuseando por que se joga Icaro, alguma causa de aproveitável, visto ser este o verdadeiro sentido da expressão.

Como o collega parece porcom querer confundir-nos com o qualificativo de *gandaiteiros*, é lícito admitir que tomou a phrase o'algum sentido *figurado*, menos honroso. Permitimo-nos dizer lhe que não é izento de perigos metter se pelos *sentidos figurados*. Se nós seguirmos esse caminho, viríamos a julgar que os zig-zags do articulista não são as scintilações espirituosas do seu talento mas o caminho sinuoso dos ehrins.

Demais a mais observando que o collega não vê as causas na sua verdadeira posição visto acusar-nos de estarmos com a *espinha dobrada*...

Mas, não. Nunca nos passou pela mente que os zig-zags que faz, fossem... em sentido *figurado*.

ONIFRE NAVALHINHA

E' um dos míticos pseudónimos de um brilliantíssimo escriptor cuja prosa rendilhada adorna hoje o *Heraldo* no interessante artigo *Os Barbeiros*.

MAIS UM

Por breves dias, deve aparecer n'esta cidade um novo semanário, *O Voluntario*, selha litteraria e noticiosa que será orgão de defesa dos batalhões de voluntários do Algarve. E' seu director o sr. Joaquim Paulo Correia, typographo.

Ao futuro collega desejamos prosperidades.

ESTÁ PERDOADO

Diz a *Propaganda*, de Valença: O *Heraldo*... de Tavira critica-nos por o termos tomado a serio. Perdoe, collega, nós não sabíamos que tratavamos com *tal collossal*... fabricante de riso.

Pois não é tal
tal collossal...
Tenha a certeza.
E' genial!
Mas não igual
Ao rei geral
... da madureza!

OS BARBEIROS

Apesar de constituir a barba um ornamento muito apreciado pelos povos da antiguidade, é certo todavia que a profissão dos barbeiros data de tempos imemoriais.

Havia-os no Egypto, assim como entre os gregos e os romanos.

Koureus era a denominação porque os gregos designavam o barbeiro, e os romanos chamavam-lhe *tensor*; prova isto que nos primeiros tempos os barbeiros apenas usavam as tesouras para aparar as barbas; mais tarde, porém, veio a moda de rapar a cara, e foi então mister recorrer ao uso da navalha.

Tanto em Athenas como em Roma a loja de barbeiro era já, como é ainda hoje entre nós, o ponto de reunião para os ociosos e para os indagadores das vidas alheias.

Horacio para assegurar nos que um certo facto é sabido por toda a gente, contenta-se em dizer-nos «que ainda já divulgado pelas lojas dos barbeiros».

Na idade media o barbeiro aumentou em preponderancia, quando ao mister de escanhoador, juntou também o de sangrador, — o que lhe dava also a inculcar-se inclusivamente como *cyrurgião*, chegou mesmo a baver a classe de *cyrurgões barbeiros*, abuso devido em parte ao desdém que os verdadeiros medicos mostravam pelo emprego da lanceta.

Ainda huij por muitas localidades das nossas províncias se encontram curiosos vertigios d'essa entidade, exercendo largamente a clínica nas povoações rurais, à sombra d'uma carta de sangrador, que lhes passava o antigo Conselho de Saúde Pública, e alguns mesmo sem esse ridículo simbólico de habilitação, o que não os impede de exercerem livremente, e às vezes até com a mais desvelada protecção das autoridades locaes que vêm n'ellas uns eremitos galopos, a sua pseudo-scienza.

O barbeiro, tem sido em todos os tempos, e sempre, um individuo altamente prestadio, e o seu prestígio abrange inclusivamente misteres divinos.

Vejam o *Barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais: quem podia arranjar todas aquellas embrulhadas de confidencias d'amores senão à astúcia d'um endiabrado escanhoador de barbas?

Vejam no *D. Quixote*, de Cervantes, se a escolha dos livros a que procede o cura, para d'elles fazer auto de fé, podia realizar-se sem a judicativa intervenção do barbeiro?

Barbeiros mesmo tem havido que começando por simples escanhoadores, chegaram a atingir alta situação política, — taes foram em França Pedro Labirose, no tempo de Filipe III e Oliveira Le Daim, no tempo de Luiz II.

Verdade é que ambos no seu progresso saber tiveram a desdita de acabar nos tablados do patíbulo.

Quando veio a moda das perucas, o barbeiro subiu um furo na escala social, porque passou a ser *cabeleiro*.

Portugal teve no seculo passado um cabeleireiro, que na opinião de Garrett passa por ser o nosso melhor poeta bucolico: chamava-se Domiugos dos Reis Quia. D'elle diz o author do *Frei Luiz de Souza* o seguinte, no seu *Bosquejo da história de poesia e língua portuguesa*:

«Um pobre cabeleireiro, aquem as musas que servio, os graodes que com elles houveram, nunca tiraram do triste officio, pôde da sua baixa condição social alevantar-se ao primeiro grão litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumptos,

sos, mas que nenhum homem de gosto deixará de lhe dar.»

Quando, pois, a França nos mostrou com orgulho *Las Papillotes* do seu laureado poeta Garcão-Jacques Jasmin, cabaleireiro em Agen, o nosso paiz pode apontar-lhe com desvaneecimento as obras poéticas do arcade Alcino Mycenio:

... o famoso Quita
A quem o Irste fado ordena
Que a fome lhe traga o pente
E da mão lhe lira a pena...

como dizia o nosso Nicolau Tolentino, n'uma epistola dirigida a um tal Luiz, também cabaleireiro, que fazia versos.

Barbeiro e cabaleireiro foi o recentemente falecido António Francisco Barata, o *Barata da Biblioteca d'Evora*, escritor dos mais operosos, bibliófilo distinto, eruditíssimo nas coisas do passado, estimado e consultado por todos os litteratos do nosso tempo, e pacientíssimo beneditino de ebrónicas e manuscritos, que desentranhou dos límpos do esquecimento.

No seculo XVI a corporação dos barbeiros era uma organização respeitável.

Entre nós era obrigatório o seu comparecimento entre os officios que figuravam na aparatosa comiliva da procissão do Corpo de Deus. No preito caminhavam atraç dos espingardeiros, e juntamente com os ferradres e os picheleiros, como se vê do seguinte artigo transcripto do regimento mandado observar pela Camara de Coimbra, n'esta fesiva:

«Os barbeiros e ferradores são obrigados de fazerem hua bandeira Riquia, e nella bandelevar Sam Jorge pintado.

E cada barbeiro e ferrador ha de dar hu omem darmas bem disposto e que leve boas armas bem limpas e louçãs. E nenhum nom será escusado de lhar o dito omem darmas o dito dia por Rasão que queira pera elle dar nem alegar. E qualquer que não der o seu omem de maneira que dito he fique logo condenado em quinhentos reis pera as obras da Cauara da cidade e hamdir atraç dos espingardeiros. E com estes hamdir especbeleiros.»

O barbeiro, que tinha outr'ora á porta dependuradas umas cortinilhas de lã verde, e como taboleta indicativa uma barra d'arama; juntando por vezes a isto o classico letreiro: *Vende bixas boas* (quando não era *Bende vijas voas*), ou na hombreira do alpendre um gigantesco dente artificial (simulacro dos que arrancava aos miseris pacientes, se era também dentista), essa curiosa entidade, de que serão já raríssimos no paiz os specimenis, era quasi sempre um tipo impagável, um tipo nacional... tradicionalmente fallado.

A um d'esses disia Nicolau Tolentino uma vez, que lhe tinham posto a cara a escorrer sangue:

«Barbeiros que levem coiro e cabelo já eu encontrei; mas você, mestre, você é uma raridade, por que leva o coiro e deixa ficar o cabelo!»

Tambem em Coimbra estava uma vez o visconde de Castilho (quando era estudante da Universidade), barbeando-se em casa d'um artista que tinha loja na Calçada, e que passava por ser o melhor *navalhista* da cidade; o mestre havia já posto em carne viva a cara do futuro cantor da Primavera e dos *Cíumes de Bardo*, que ia sofreudo como podia aquele novo genero de martyrio.

De repente, parem, pergunta elle a seu irmão Alexandre Magno de Castilho, que estava presente, e estudava astronomia naquelle anno:

—Vae esta noite ao Observatorio?

—Provavelmente.

—Pois eu já lá estou!

—Porquê? redarguo o irmão.

—Estou a ver cada pedaço d'estrelas!

Esse tipo classico de «mestre barbeiro» ja desapareceu completamente; hoje em vez do barbeiro, que se prestava aos epigrammas, temos o artista que os dirige por sua conta e risco... Serve d'exemplo o que sucedeu, com um, a quem um dia se lhe apresentou um creançola, em cuja cabeça ferviam já as mais ardentes aspirações a poeta da escola nova, mas em cujas faces mal surgião ainda os primeiros vestígios da mais simples penugem.

—Faça-me a barba, mestre! diz-lhe com certo entono, repimpando-se na cadeira.

O nosso Figaro vai buscar a melhor toalha; que encontra na gaveta, passa lha em torno do pescoço, ensaboa-lhe depois a cara e dirige-se em seguida com todo o vagar para a porta da loja onde fica entretido a ver quem passa na rua. O creançola fica também durante um pedaço olhando para elle meio admirado, e a final, já impaciente, pergunta-lhe:

—Olá, mestre! Então por que espera?

—Estou esperando que lhe aponte a barba!

Mas se por infelicidade para a tradição nacional o tipo d'outr'ora desapareceu das cidades e povoações mais importantes, talvez se encontre ainda em remotas aldeias um outro exemplar curiosíssimo.

N'um esquecido logarjo ainda não ha muito tempo existia um que, depois de enfeitar o freguez envolvente no largo penteador de chita de berrantes cores encarnadas, lhe apresentava um seixo grande e liso, em forma de espelho acabatado, dizendo:

—Abra a boca.

—Para quê? perguntava o pobre simplório que lá entrasse pela primeira vez.

—Para meter isto.

—Nás percebo.

—É para fazer bochechinha.

O boni do mestre não sabia escabear, «l raspar, sem fazer bochechinha, e para conseguir esse effeito, descobriu aquelle meio: introduzia o seixo na boca do paciente,—e servia o mesmo para todos!

Para terminar, fechamos com um epigramma, d'autor desconhecido, —suspeitando-se purem que é d'um collega... estabelecido ali, á esquina, quasi em frente d'um officio do mesmo officio:

Ao ouvir como miaava
Do visinho o gato arteiro,
Disso um pessimo barbeiro
Que ao freguez martyrisava:
«Diabol estando malando
A esse miser animal?»
Diz o freguez: «—Ora qual!
E' que o esião barbeando»

Onofre Navalhinha.

O espartilho

Referindo-se ao interessante artigo d'uma genial colaboradora D. Carolina Angel, inserto no ultimo numero do *Heraldo*, o nosso preso collega do *Diário de Notícias*, de Lisboa, dedica-lhe na sua secção *Mundo Mundano*, de 23 do corrente a seguinte nota à margem, que com a devida venia transcrevemos:

«Num jornal de Tavira, a sr.ª D. Carolina Angel, reedita algumas opiniões de illustres mulheres francesas á cerca do espartilho e deseja saber o que pensam a este respeito as suas patricias. Eis um curioso inquerito que conviria generalizar.

A mulher portuguesa pode e deve intervir no debatido assumpto com a sua opinião, que não é menos autorizada do que as opiniões expostas pelas celebridades parisieuses. Transcrevendo algumas dessas que encontrou no *Gaulois*, conclue a sr.ª D. Carolina Angelas...»

—Segue-se a transcrição de parte do artigo, da nossa genial colaboradora, até ao periodo:

«Que pensará de tudo isto a mulher portuguesa, sempre tão prompta em apaixonar se pelas modas?»

E o nosso collega termina:

«Aqui está um plebiscito interessante. Respostas concisas, mas expressivas, que é o ideal dos plebiscitos.

Valeu?...».

Tambem somos dos que opinam a favor de tal plebiscito, e por isso, prestando homenagem ao scintilante talento e raras qualidades de trabalho da nossa illustre colaboradora, *O Heraldo* regista com muito prazer os insuspeitos aplausos que à mesma senhora são dirigidos pelo conceituado *Diário de Notícias* e pôe, desde já, as suas columnas á disposição de D. Carolina Angel, se por ventura a distinta escriptora desejar abrir, como mostrou desejos, o interessante inquerito á cerca do *Espartilho*.

Á GANDAIA

Do nosso preso collega *Dis-ticto de Faro*.

«A propaganda no Algarve está feita. Ninguem ba, que possa tornar o povo desta província mais liberal e mais justo, mais ordeiro e mais consciente dos seus direitos e deveres civicos..»

Se não é exactamente assim, devia ser. ➤

Do Popular:

«O nosso povo ainda se resente da longa influencia do espírito retrogrado dos frades e dos preconceitos hieraticos, mas tem tais qualidades de renovação e de comprehensão, que não serão necessarios muitos annos para que Portugal, regido por instituições proprias como a Republica libras permita, venha a ser aída uma das nações mais avançadas e progressivas da velha Europa.»

Para isso apenas são indispensáveis duas coisas:

I Que todos os portuguezes esqueçam lealmente velhos odios e represalias, trabalhem na grande obra da consolidação da Republica.

II Que, consolidada a Republica, todos contribuam para aplanar a luminosa estrada que deve conduzir-nos á conquista do bem geral, concorrendo para destruição completa desse animalejo daminhão, ambicioso e inutil, mit vezes mais nefasto de que o aristocrata, e que só pensa em exhibir-se: o burguês ignorantão. ➤

Do *Intransigente*, commentando o caso de terem sido recentemente criados sete hospitaes para alienados:

«Sabido como é que um hospital não se sustenta e não se mantém com Padre nossos, é hospital de mais para o miserável estado do nosso tesouro.

Mas se, realmente, o legislador —o termo é oficial— teve em vista internar todos os doídos que andam à solta... sete hospitaes não chegam.»

Já o dictado hespanhol diz em louvor de nós outros:

Portuguezes pobres e locos.

E ás vezes baté certo! ➤

Diz o *Seculo* que o sr. Brito Camacho prometeu aumentar o vencimento a todos os empregados dependentes do seu ministerio.

E' justo. Anies pagar aos que tem por obrigação trabalhar do que áquelles cuja profissão representa uma consciencia bem remunerada e commoda, sem caceiras nem fatigas. ➤

Do *Intransigente*:

«A Republica não tem só de assegurar se como regime politico. Tem também de garantir-se como sistema moral.

E para isso deve, antes de mais nada, garantir a todos a mais ampla liberdade de pensamento e de expressão.»

Evidentissimo! ➤

PROPAGANDA ELEITORAL

Realisou-se no dia 26, no theatro circo de Faro, um comicio publico de propaganda eleitoral, em que tomaram parte além de outros oradores os srs. dr. Celorico Gil e Fiel Stockler, deputados propostos por este círculo, que foram muito applaudidos pelo numeroso auditório.

ARRANCADA

Na terça feira passada fez-se uma nova vistoria ás passagens de nível executadas na propriedade da *Arrancada*, quando foi da construção do caminho de ferro.

Por motivo de ter descido agora á 1.ª instância um processo de que houvera apelação, referente também a este caso, vae ordenar-se uma nova vistoria em que são peritos os srs. Sebastião Aragão, Possidonio Guerreiro, coronel Campos, José Centeno, Antonio da Conceição Chaves e capitão Aguas.

MELHORAMENTOS

A COMISSÃO MUNICIPAL DE FARO

MANDA ABRIR UM POÇO ARTESIANO

Um elucidativo e bem elaborado artigo do nosso preso collega o *Dis-ticto de Faro*, intitulado *Poços artesianos*, confirmando o boato de que para os lados de S. Luis se estava abrindo um destes poços, por mandado da comissão municipal, incitou naturalmente a nossa curiosidade.

E' ocioso enaltecer as vantagens que de tais poços podem resultar.

Paris, uma das primeiras cidades do mundo, tem garantido o seu abastecimento de aguas graças a inumeros poços artesianos, alguns dos quais muito honram os engenheiros Muot e Kind, seus constructores.

Se por acaso forem coroadas de bom exito as experiencias que ora se realizam em S. Luis, a cidade de Faro ficará dotada com o principal dos melhoramentos imprescindiveis numa cidade moderna, a abundancia de agua.

Do que fica exposto deduz-se claramente a importancia do assumpto.

Por isso, sem nos preocuparmos com o *parti pris*, que parece baver-se formado contra a actual comissão municipal, *parti pris*, que temos visto traduzir-se em artigos de acerimia critica e cuja contestação ainda não nos f. i. dado ver nos jornais *re-tintamente* affectos ao regime, resolvemos affrontar com o indifferentismo geral e, no inírito de bem informar os nossos leitores, tiramo-nos de cuidados e, num destes dias de sol, demos um passeio até S. Luis.

Logo da estrada da circunvalação avistámos a barraca, coberta de zinco ondulado, que resguarda o motor, e que foi construída a meio do barocal, frondeira à ermida.

A frente da barraca recorta-se no azul a ferragem dos cavaletes, que suportam o apparelho perfurador, composto de *brocas* de varios diametros, *colheres* ou *limpadores*, correntes, mordanas, etc.

Um motor, com a força de dois cavalos, trabalha ali de sol a sol, verrumando a terra, na ancia de encontrar a ambicionada agua.

O que viuam era, sem duvida a confirmação plena do que nos chega-va anios onvidos.

Careciamos, todavia, de alguns esclarecimentos tecnicos para melhor informarmos os nossos leitores quanto á grandeza e importancia do melhoramento que a comissão municipal se propôz realizar.

Neste inírito e na impossibilidade de nos dirigirmos ao habil engenheiro sr. Parreira, que, por incumbencia da mesma comissão, superintende nas pesquisas da agua, transpuzem o cercado rustico, que rodeia a abertura do poço, em cuja caldeira dois homens trabalhavam e dirigimo-nos ao encarregado, o sr. José Moreira dos Santos, que gentilmente se prestou a satisfazer a nossa curiosidade, fornecendo nos todas as indicações.

Acetitando-lhe os bons officios, iniciamos, assim, o nosso questionario:

—Começaram ha muito os trabalhos?

—Ha vinte dias.

—Com resultado?

—Sem duvida. Temos, desde então perfurado oito camadas diversas de terreno, como pode ajuizar.

E dizendo isto o sr. Santos mostrou nos um largo caixote, dividido em pequenos compartimentos longitudinais, onde se vae recolhendo o que os *limpadores* ou *colheres* trazem á superfície da terra.

Forma-se assim, por este processo, um verdadeiro quadro com amostras de terreno—rochas de várias especies, que depois são devidamente classificadas pelos peritos, em Lisboa.

—Qual é a profundidade atingida?

—A sonda está trabalhando a 26 metros...

—E agua? Já a encontraram?

—Encontrou-se logo a dez metros de profundidade.

—Bôa?

—Não sei. O que posso dizer-lhe é que nós aqui temos bebido d'ella, até hoje sem prejuizo para a saude. Mas, como bem pode suppor, não é esta ainda a agua desejada. O que se pretende, o que se deseja é descoir uma abundante toalha de agua, que chegue, se possível fôr, á flor da terra e permitta uma condução facil para um amplo reservatorio que será construido em Santo Antonio do Alto...

—E este material, é alujado?

—Não señor, pertence ao ministerio do Fomento, á terceira secção que é a das minas. Veio para aqui a requisição da camara, não pagou transporte e só faz despesa com o pessoal e o combustivel.

—A propósito, qual a despesa dia-riamente desta obra?

—Talvez não chegue a

POR ESSE ALGARVE...

Faro

Foi aqui muito sentida a morte do Dr. Manuel Penteado, que contava em Faro muitos amigos e admiradores.

—Alli para os lados da Sé tem havido um certo movimento mavortico. Uma destas noites policias e marinheiros acamparam em pleno largo à cala da hydra azul e branca que, a final, não se dignou aparecer, sem duvida por saber que tinha muita gente à sua espera...

Diz se que todo este exibicionismo, de forças se relaciona com o boato, que nos abstemos de comentar, de terem sido recebidos no paço episcopal muitos caixotes contendo armamento vindo de Espanha.

As forças de terra e mar estão de prevenção. Apezar de tudo, creio poder afirmar ao *Heraldo* que a *thassaria* não se a reverá a levantar a grimpas porque, em Faro, também há vigilantes promptos a defenderem até ao sacrifício das suas vidas, posição e baveres as novas instituições.

Aqui também a jovem República tem amigos dedicados e servidores lealíssimos, desinteressados e «anônimos», o que, sob todos os pontos de vista exclui quaisquer ideias de ganhaça ou recompensa.

Villa Real

COMICIO DE PROPAGANDA

Venho de assistir ao comicio que acaba de se realizar na Praça Marquez de Pombal d'esta pitoresca villa, comicio que deixou as melhores impressões em todos que, por um dever de lealdade patriótica, acorrem a ouvir aquelles que na proxima sessão legislativa serão os seus mais audazes e estrenuos representantes.

A tenacidade dos candidatos à futura assembleia constituinte é digna de ser registada, por isso que constitue para o povo portuguez a mais solida garantia do interesse que lhe merece a causa dos seus eleitores.

Posto isto, seja-me lícito dar conta aos leitores de *O Heraldo* do que foi o comicio de hoje.

No comboio que chegou à estação dos caminhos de ferro d'esta villa, ás seis horas da tarde desembarcaram os oradores, srs. drs. Matos Cid, Celorico Gil e capitão tenente da armada Stockler, que ali eram aguardados pelas comissões municipal e parochial, administrador do concelho, tenente da guarda fiscal e outros elementos do partido republicano, acompanhados de muito povo que, no meio dos maiores entusiasmos, os acompanharam ao hotel Trindade onde lhes foi oferecido um opíparo jantar, trocando-se n'esse acto os mais entusiasticos e significativos brindes.

Em seguida organizou-se o corredo, levando à frenie a Academia 5 de Outubro que, ao som da *Portuguesa*, se dirigiu á vasta praça Marquez de Pombal onde momentos depois se devia realizar o comicio de confraternização entre eleitores e eleitos.

Abriu o comicio o nosso prestante amigo sr. José Firmino Rodrigues, que em nome da Comissão municipal republicana fez a apresentação do heroico revolucionario capitão-tenente Stockler, compilando succinctamente o importante papel por elle desempenhado nas jornadas glorioas de 4 e 5 de Outubro e apresentando mais uma vez ao povo republicano da sua terra os restantes oradores, para os quais sollicitava um viva dictado pela sua consciencia de todos que o escutavam.

Assôma depois a figura sympathica do dr. Matos Cid, que é acolhido com estrepitosas salvas de palmas.

O seu breve discurso foi um primor de eloquencia e não cabe nos limites acanhados do nosso jornal nem no nossa competencia jornalística reproduzi-lo integralmente.

Limitar-me hei a dizer que, no rubro do seu calor de intrepido democrata, atacou energica e desapixonadamente a maldita seita de Loyola que, de mãos dadas á devassa monarchia, cavou a ruina e

o descredito do nosso paiz e, não contente com isso, procura por todas as formas mais criminosas que são o apanago de tão repellentes sectarios, estabelecer a desordem onde só impera a ordem e a moralidade.

Falla a seguir o valoroso capitão-tenente Stockler que, confessou não ser orador, mas sim um homem de espadas.

N'um repto de eloquencia ataca com vigor a obra da reaccão e da monarchia. Entre unisonos aplausos, historia a roubalheira da monarchia que pôz a saque os cofres da nossa empobreceda nação; cita a vergonha dos adiantamentos que criminosa e abusivamente a monarchia sancionou em proveito d'um soberano para quem sempre foi indiferente as mizerias do povo portuguez; refere-se á magnificencia do banditismo real que apparentemente dava esmolas para de pois as rehaver do tesouro, como sucedeu por occasião da catastrofhe que assolou os diversos pontos do ribatejo, etc, etc.

Passa a seguir a tracar o seu programma como candidato ás Constituintes dizendo que elle será o que deve ser: ordem e moralidade.

E' dada a palavra ao nosso dedicado amigo, tenente da guarda fiscal, João Francisco Ribeiro, que em voz correcta e pausada estigmatiza os elementos perigosos da sociedade que são a clericalha.

Ensina ao povo qual o seu dever para com a corrupta seita negra e ainda para com os boateiros que, conscos da mizeria dos seus embustes, se limitam a fugir.

O seu discurso recebeu condignos aplausos.

Seguiu-se no uso da palavra o dr. Celorico Gil que, produziu um bello discurso cortado varias vezes por sinceras demonstrações de sympathia. Teve passagens d'uma affectuosa admiração, já mais quando se referiu á *releita* do barbeiro alfacinha applicada com salutar eficacia quando um elemento reacionario lhe segredou ao ouvido, inuito baixinho, que se preparavam coisas treaticas.

Fecha a serie de discursos, o presidente da commissão administrativa, nosso dedicado correligionario, Manuel Cembrera, que a convite do nosso amigo José Firmino Rodrigues, presidia á mesa, dando por encerrado o comicio no meio de entusiasticos vivas á marinha, ao exercito, alli dignamente representados, ao povo d'esta villa etc, etc.

O colaborador d'este jornal agradece individualmente o convite que lhe foi feito como republicano que se prezava de ser, para tomar parte no comicio, sentindo não o poder aceitar por os seus affazeres profissionaes o não permittirem acompanhar desde a chegada os nossos illustres visitantes.

X.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Terça, 30—Dr. Antonio Fernando Pires Peneda, dr. José Lopes.

Quarta, 31—D. Maria Judice Samore Barros, Quinta, 1—D. Maria Carlota Machado, D. Clotilde Fonseca Romero dos Reis, João António Xavier da Trindade.

Sábado, 3—D. Hermínia Lobo de Abreu, D. Maria das Dores Callega, Félix de Anarela.

X.

No dia do seu aniversario natalicio, 11 do corrente, foi pedida em casamento para o sr. Wenceslau Ferro, aspirante de faseda, a sr. D. Ermelinda da Encarnação Ramos, filha do industrial d'esta cidade sr. António José Ramos.

X.

Partiu hontem para Melilla o aspirante de faseda sr. José Silverio Almodovar que viera passar em Tavira alguns dias de licença.

X.

No dia 24, em Coimbra, deu á luz uma creança do sexo masculino, a sr. D. Cândida Chagas de Freitas esposa do sr. Sébastião de Freitas, alumno de medicina e irmão do sr. dr. Frederico Chagas oficial do registo civil em Tavira.

X.

Na terça-feira estiveram em Tavira os srs. Arthur Mendes, Eduardo Garrido e Justino Chaves.

CAVALLOS

Para sela e tiro, muito mansos, promptos para trabalho, sós ou acompanhados.

Villa Real de Santo Antonio—Leyendas do Guadiana.

O HERALDO

Boateiros

Chegou agora a vez á nossa província de servir de campo de acção a essa gente sem escrupulos já tristemente celebre pelo *sobriquet de boateiros*.

E' grande o numero de pessoas que, accossadas pelo mais despatado terror tem fugido para a Espanha.

Em Ayamonte não ha uma unica casa para alugar e os hoteis estão repletos, encontrando-se ali familias de Monchique, Silves, Lagôa, Loulé, Faro, etc.

Agora os *boateiros*, vendo que os seus disparates nada influiam na vida normal da capital do districto, deram-se á faína de explorar os campos, onde ha gente mais credula.

Segundo elles rebentou a contra revolução em Faro, a cidade estaria a saque, o povo amotinado assassinou o bispo e tem sido efectuadas muitas prisões de monarchicos e apprehendido muito material de guerra!

Tudo isto não passa de um acervo de tremendissimas calumnias tendentes a desprestigiar as instituições.

Em toda a cidade ha a melhor ordem e a mais absoluta tranquillidade.

Urge todavia castigar severamente.

Toma-se liberdade de propor que lhes sejam applicados colletes de força e capacetes de gelo.

Pelo menos...

FALTA DE ESPAÇO

E' nos absolutamente impossivel publicar os artigos: *As minhas considerações, Modas, Sampaio Bruno, Luz (d'Elyseu Reclus)* dos nossos presados colaboradores dr. João Pedro de Sousa, D. Carolina Angela, Lyster Franco a quem pedimos desculpa. Como não perdem oportunidade sahirão no proximo *Heraldo*.

Factos e comentários

Villa Real, 24.

Os boatos alarmantes espalhados adrede, por essa horda de roupetas e seus aulicos, têm de ha dias a essa parte, estabelecido infundado panico na maior parte do nosso paiz.

E' raro o dia que nesta villa pombalina se não nota um certo movimento muito fôr do vulgar; dezenas de familias chegadas da capital procuram seguro refugio na vizinha cidade espanhola e outras têm vindo aqui fixar residencia temporariamente.

U's serão espíritos excessivamente facos que, mercê do seu temperamento, se deixam apossar d'um terror que não existe e nada justifica; outras serão no fundo uns espíritos prevertidos e maus e que, procuram na sua fuga doida e malevolas, fazer acreditar lá fôr que a tranquilidade do nosso paiz é um mytho.

Para aquelles, como para estes, não como não pode deixar de ser, as mais acres censuras, com diferença que, para os primeiros, são repassadas de sentimento e para os segundos de desprezo pela sua indole traíçoeira.

Os roupetas aliados á monarchia que, durante seculos, impereceram no retrocesso da nossa vida politica e financeira, não trepidam um só instante na escolha das armas com que pretendem vibrar os mais certeiros golpes sobre a obra gigantesca que é a republica portugueza.

Não podendo conter os seus impetos, não podendo preverer consciencias frageis, em obediencia ao seu programma de execravel envenenador de almas bem formadas, policia subtil dos corações feminis, o roupeta, por todas as formas mais impuras, pretende estabelecer o descredito d'uma nação que os repelliu do seu contacto pelas suas devassidões que graças ao imperio de tempos idos, attingiram o grau dos mais hediondos crimes.

Embora usem de todas as artes, de todos os crimes, para mim, como para todo o portuguez que se prese não surtem effeito as criminosas intenções que os animam.

CARTA DE FARO

ESQUINAS E ETIQUETAS—O BAPTISMO CIVIL DAS RUAS—RECTANGULOS BRANCOS, LETRAS PRETAS E TARJAS BOIRADAS

—A CASTIDADE DOS DISTICOS E O PLUMITIVO—O LEITOR E A FILOSOFIA ATOMISTICA E MATERIALISTA—LEUCIPPÔ, EPICURO E LUCRECIOS, AS CARTAS DE FARO E O POEMA «DE NATURA RERUM»

—OS ACCENTOS CIRCUMFLEXOS DOS SUPERCLIOS DA LEITORA—EXPLICAÇOES E COMMENTARIOS—O QUE FAZIAM OS ANTIGOS ROTULOS DAS RUAS

—UMA HORDA DE PROPAGANDISTAS MONARCHICOS—AS CORES DO FALLECIDO REGIME E O ESCROPO DEMOLIDOR

—A FARÇA CONSTITUCIONALISTA E A INERIA IRRITANTE DA SUA SYMBOLOGIA—O BISTURI DO BOM SENSO E A LANCETA DA PROBIDADE—CARGA GERAL NUM POVO DE IMPULSIVOS E SENTIMENTAIS—ALPOIM E A CANALHA DOLADA—ARROIO E AS ABELHAS PALACIANAS—CRITICA AO PROCEDIMENTO DO INDIGENA POLITICO—O QUE ELLE FAZ E O QUE DEVIA FAZER—OS DE CIMA E OS DEBAIXO—CONFERENCIAS, COMICIOS E PALESTRAS—O PLUMITIVO PROPÕE UM NOVO LETREIRO—«LEVANTE», NEROS E OBJECTOS FRAGEIS—ATUNS, ARMAÇOES, ETC. ETC.

Foram já collocadas em varias esquinas as etiquetas municipaes baptisando civilmente algumas ruas.

São uns rectangulos brancos, hieroglificados por letras negras e com uma tarja boirada.

Não são feios nem bonitos, antes pelo contrario, como soe dizer muita gente bôa.

Tem, todavia, uma coisa, que profundamente me desagrada:

Aquela lista, aquelle debrum a oiro.

Nem eu sei bem porque, n'as aquelles disticos tão simples, tão singelos, donde emana todo um pronunciado ar de castidade, irritam o plumitivo, provocam no, espicam-lhe a bôssa filosofica e apropriadamente para um longo paraleamento de considerações.

Porquê?—interrogará o leitor, pouco versado na filosofia atomistica e materialista contemporanea, e por tanto incapaz de comprehender ideias cujas evolução se faz num parallelismo flagrante com as emitidas por Lencippo, Epicuro e ate por Lucrelio no seu famoso poema *De natura rerum*!

Porquê? Perguntará a leitora, flançando em accento circumflexo os seus superclios de boneca allema e abrindo um pouco, numa expressão de espanto os labios a que a fantasia do plumitivo se compraz em chamar de coral, muito embora sejam mais brancos do que verdes, nem premiados.

Eu explico:

Nos antigos rotulos das ruas as lettras brancas destacando se sobre fundo azul, cantavam discretamente, disfarçadamente, a todas as esquinas, a harmonia resultante da sua aliança.

Essa harmonia era então, para os portuguezes e ate para os algarvios, como alias não podia deixar de ser, o estafado hymno da Carta.

Ampliando esta ordem de considerações até se pode dizer que os velhos letrreiros com o seu fundo azul e as suas lettras brancas, rebrilhando a cada esquina com fulgorancias esmaltinadas, eram outros tantos propagandistas monarchicos fazendo impassivelmente, afincadamente, permanentemente, sem desanimos nem contrariedades, a mais ferrecha propaganda monarchica.

Taes letrreiros foram em parte já substituidos.

Deviam no ser todos, a bem das instituições vigentes e ainda que outra razão não houvesse, bastava o facto de existirem nelles, bem evidentes e flagrantes as duas cores do falecido regime, para impolos ao escropo demolidor. De facto, assim, no alto dos cunhaes, elles são outras tantas bandeiras da farça constitucionalista, a provocarem com a sua inerzia irritante de symbolos que fizeram o seu tempo, as energias mais ou menos vermelhadas de quem passa.

A suppressão justificava-se, imponha-se, ate por esse velho dicta-

A obra monumental da republica ahí está bem patente, bem nitida, aos olhos de todo o mundo.

A inviolabilidade das vidas, das propriedades, está segura; a administração dos bens da nação está confiada a entidades sobre quem não pode recarir a mais leve suspeita; o nosso credito abalado durante dezenas de annos pelos desmandos e roubalheiras dos omnímos tempos da monarchia, está resgatado aos olhos do extrangeiro.

Para que os boatos e o panico?

Que razão justifica esses receios?

Eu a explico: porque a clericalha, não disfruta já do luxo magnificante de preciosidades e requincas, com momentos faceis e horas esquecidas na embaladora certeza da sua abundancia criminosa, como muito bem cita Jacques Bonhomme, no «Os Crimes de Deus», que tenho ao alcance da mão e da critica.

E' preciso, imperioso mesmo, que todo o portuguez repudie ativamente, nobremente, o sotaina veihaco e corrupto, para que se não torne cooptante das suas criminosas intenções.

Quero convencer me que pouca gente existe que não conheça o roupe, tão publicos, são os seus expedientes e as suas artimanhas. Compulse-se Lachatre e ver-se-ha quem é essa cohorte perigosa nos paizes onde exercem o seu poderio.

E' um ser abjecto que, eivado das mesmas hipocrisias de tantos sclerados da Egreja, como Inocencio III, Martinho IV, Clemente V, Leão VIII e tantos outros, têm estendido as suas garras ao seio de milhares de familias, estabelecendo a deshonra e corrompendo as mulheres mais virtuosas.

Demonstrado está, pois, que todos os batos, todas as conspiratas, são engendrados por elles, como a cooperacão

Pequenas coisas...

Uma ligeira observação.
O proverbo *time is money* (o tempo é dinheiro), consta citado, na palestra e na escripta, e que assim dizer *time is money* é exacto; e citando-o em vez de cada vez é mais do que malhalo. A phrase exacta, é essa:

«Time saved is money gained.»

O tempo que se não perde é dinheiro que se ganha.

O governo brasileiro adoptou o pôr abreviatura da legenda da moeda de bronze, de 20 reis: «Vistem poupad, vistem ganho.»

Eugenho e engracado:

Pourquoi les cogs ont des ailes?
Pourquoi les poules ont des oeufs?
Parce que les cogs ont besoin d'elles,
Et les poules ont besoin d'eux.

Aquelle a quem se dá, escreve o agradecimento na areia; aquelle a quem se lira, escreve o rendimento no bronze.

Isto é verdade, tanto em Portugal como na China.

Semi-doentes

Devem conhecer decerto muitas pessoas que quandalhes perguntam: «Então como vai isso?» — respondem: «Ah! Não posso dizer que esteja doente, mas em todo o caso não me sinto lá muito bem!» — talvez a pessoa que nos está lendo dê uma resposta parecida. Ha muitos d'estes semi-doentes, d'estes individuos de meia saude, que se encontram em semelhante estado, porque estão chocando a doença, para empregar a expressão popular.

São sinceros; já se sentiram bons já experimentaram esse bem estar, essa satisfação, esse equilíbrio que constituem o estado de saude, e agora percebem perfeitamente que deixaram de gozar tudo isso.

N'umas pessoas, é o sangue que se tornou pobre, e como não trataram de o regenerar, caminham, lentamente é certo, para a anemia para a fraqueza geral, para a senilidade precoce.

N'outras, são os nervos de que elas usaram demasiado, e que não tendo sido tonificados se encontram emperíados e rangem. Estes taes são os candidatos da extenuação nervosa, da neurastenia.

N'outras pessoas, enfim é o estomago, fonte de satisfação, laboratório das forças, que c meça a dar signaes de affecção e gritos de socorro, que influem no phisico e no moral.

A todos esses semi-doentes, damos um bom conselho: regenerem o sangue, tonifiquem o sistema nervoso. Tomem as Pilulas Pink, o grande regenerador do sangue, tonico dos nervos, e recuperarão bem depressa essa boa saude cuja perda tanto deploram.



O sr. Raymundo Chaves de Aguiar, residente em Lisboa, na rua dos Correiros, 110, 4º andar, direito, escreveu-nos para nos dizer que, sem estar absolutamente doente, não se sentia lá muito bem e que era o estomago principalmente que não lhe funcionava como devia ser. «Comecei a tomar, diz elle, as suas Pilulas Pink, querendo tentar uma simples experiência e não tardei a reconhecer que elas me faziam muito bem. Dentro de algumas semanas, o incommodo de estomago que sofría desapareceu, e senti-me muito fortalecido.»

As Pilulas Pink estão a venda em todas as farmácias pelo preço de 800 reis a caixa. 4\$00 reis as 6 caixas. Depósito geral: J. P. Bastos & C.º, Farmacia e Drograria Peninsular, rua Augusta, 29 a 45, Lisboa. — Sub-Agenles no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

GENTE NOVA

SOFFRES?

Diz-me, creança, porque sofres tanto, Que dor intensa te magoa a alma, Perque se orvalha de sentido pranto A tua fronte tan serena e calma?

D'antes alegre qual genitil phalena, E sempre o riso n'esses labios bellos; Risinha e meiga na conversa amena, Encantadora nos pueris desvelos!

Agora sumessa n'uma dor infesta, A qual procuro desvendar em vão, Tens desbaldada tua face linda E já perdesse o leu sorris louçao!

Curvas a fronte divinal e triste Como uma gracil e mimosa flor... Que magna é essa que em lou peito existe? Já sei tu sofres um pesar d'amor...

Mioh'alma doe-se de te ver soffrer, Demina a magna que te enluta a vida: Não vale a pena sologar, gomar, Sentindo a perda da ilusão montada!

Laurinda Serytram.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

| | | | |
|------------------|--------|------|--------|
| Trigo brocero... | 700 | 14 | litros |
| Cevada..... | 360 | » | » |
| Centeio..... | 520 | » | » |
| Limpadura.... | 240 | » | » |
| Milho de regadio | 800 | 18 | litros |
| » » sequeiro | 760 | » | » |
| Favas..... | 500 | » | » |
| Chicharos..... | 500 | » | » |
| Feijão raiado... | 1\$400 | » | » |
| » amarelo... | 1\$300 | » | » |
| Feijão branco... | 1\$400 | » | » |
| » vermelho | 1\$400 | » | » |
| Grão..... | 900 | » | » |
| Tremoço..... | 360 | 20 | » |
| Aveia..... | 360 | » | » |
| Gelo..... | 800 | » | » |
| Farelo..... | 220 | » | » |
| Aguardente.... | 1\$300 | 10 | litros |
| Vinho timio..... | 600 | 10 | » |
| » branco... | 1\$200 | » | » |
| Azeite..... | 3\$400 | » | » |
| Batata redonda | 320 | 15 | kilos |
| Carne vacca 1.º | 440 | cada | » |
| » 2.º | 320 | » | » |
| » 3.º | 200 | » | » |
| Ossos | 140 | » | » |
| Carneiro..... | 240 | » | » |
| Ovos..... | 20 | reis | o par |

CARVÃO PARA DEBULHAS

De Cardifde e de Newcastle, qualidades especiaes para queimar nas debulhadoras, a preços resumidos.

Teem quasi constantemente vapores a descarga.

Equalmente com carvão de Forja, coke de fundição, coke para eosinha, e Anthracite, da qualidade "GREAT MOUNTAIN" para motores a gaz pobre.

Pedidos a

O. HEROLD & C.º

Rua da Prata n.º 14 - Lisboa
R. da Nova Alfândega n.º 22 - Porto

CARMENCITA

A Praça cheia... o sol batia o promio
Nas faces sensuas das ciguifas,
Fazendo-lhes perder o doce promio
Das fervidas canções das esoguidilas...

Rejavam-se na arona as bandarilhas,
Ergolam-se no ar ondas de fumo
Das negras e cheiroosas cigarilhas
Banhadas pelo sol calido a prumo...

O Poco, um toiro ardente e loiro
Passando de «muleta» um bravo toiro
Em Lola o seu olhar febril cravava...

Vio Carmen esse olhar, e o ciume
Queimado-lho o seio como o lume,
Na carne fortemente a peestrava...

Findo a lide, e amajos e amanolas,
Com vozes estridentes e roubentas,
Sêm, descancando amalugadas
Na musica febril das castanholas.

Dosferem-se abandonadas e violas
Em quanto o sol expira pelas brenhas,
Ouvindo o sussurrar das malaguénas
Nos labios sensuas das bespanholas...

A Carmen, embuçada na manilha,
Prantendo uma airosa «seguidilla»,
Fora da «plaza» o Poco espinava...

Ei-lo que surge, a Lola o braço dando...
E Carmen, para elles avançando,
O seio a rival apunhalava...

Jayme E. de Faria.

Musica no Passeio

O tempo não permitiu que no domingo passado se executasse o concerto da Philharmonica 1.º de Janeiro.

Hoje também não teremos musica no passeio por se realizar a festividade do encerramento do Mez de Maria e por terem de assistir á festa parte dos musicos da mesma philarmonica, ficando para o proximo domingo 11, com o programma que já publicamos.

Agradecimento

Maria do Carmo Peres, seus filhos, noras e netos, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, seu chorado marido, pae, sogro e avô.

Os nossos pesamos á familia entulada.

CAIXEIRO

Com pratica de fasendas.
Precisa de um, Antonio Soares Mansinho.

Rua Alexandre Herculano, Rua da Liberdade. — TAVIRA

Fronte inquieta e pensativa

Quando a sombra da doença se projecta sobre a vossa existencia, quando a esperança do restabelecimento proximo começa a dissipar-se, quando parentes e amigos vos contemplam em silencio e se mostram preoccupieds, é occasião de vos lembrardes que milhares de senhoras, achando-se n'um estado de saude igualmente critico, loram restituindas á saude, recuperaram todo o brilho da vida, graças ás Pilulas Pink.

A fraqueza, a pálidez, a perda do apetite, os olhos pisados, emmagrecimento, a tosse, são outros tantos mans symptomas, indicando que vos encontrais em caminho da phisica. As Pilulas Pink tecnicamente curado numerosos doentes que apresentavam estes symptomas: não ha razão alguma para que elas não curem do mesmo modo.

As Pilulas Pink

são o mais poderoso regenerador do sangue e o melhor tonico dos nervos.

Esta é vendida em todas as farmácias pelo preço de 800 reis a caixa, 4\$00 reis as 6 caixas. Depósito geral: J. P. Bastos & C.º, Farmacia e Drograria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa. — Sub-Agenles no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

MARIA DO CARMO LOPES

Por preços modicos ensina bordados, lavoros, renda ingleza, etc.
Rua da Liberdade, 18 — Tavira.

QUEIXAS

Vende-se uma quinta, proximo a Santa Luzia e junto á estrada da mesma, a um kilometro da cidade, consta de terras de semear, sequeiro e regadio, com duas noras abundantes de boa agua, vinha, figueiras, laranjeiras e outras arvores de fructo. Que para creação de gados, presta-se como nenhuma por estar situada á margem do rio e de grandes sapas.

Toda em boas condições. Trata-se com José Frazão, TAVIRA.

71

Jayme E. de Faria.

71